

A CAIXA DE PANDORA

– Sempre pensei que Pandora tivesse aberto uma caixa, mas afinal o que fez foi destapar um vaso... – comentou André, pensativo, de olhos postos no curioso objeto que atraía as atenções de mais de cinquenta pessoas cerca de meia hora antes.

– Eu também tinha essa impressão... – confessou Maria, aproximando-se um pouco do cordão de segurança improvisado que um dos guardas do recinto tinha colocado à volta da cena do crime, e que mais não era do que cinco cadeiras dispostas em círculo. – Afinal de contas, falamos sempre na *caixa de Pandora* e não no *vaso de Pandora*. Mas talvez isso se deva ao facto de a primeira mulher na mitologia grega aparecer a segurar uma caixa em quase todas as representações artísticas.

– Bem... A verdade – disse Ana, dando dois passos na direção da irmã mais velha – é que tudo se deve a um simples erro de tradução.

– Um erro de tradução? A sério? – perguntou Maria, alisando os cabelos castanhos entre o polegar e o indicador esquerdos.

– Pois... – prosseguiu a irmã, enquanto esticava o pescoço para observar melhor os pormenores do objeto à sua frente. – O mito da criação de Pandora foi descrito por Hesíodo, um poeta grego do tempo de Homero, entre os séculos VIII e VII a.C., e ao que parece ele referiu-se a um vaso e não a uma caixa.

– Mas depois alguém pôs o pé na caca... – calculou André, enganando-se no provérbio.

Ana e Maria desataram a rir-se do engano do primo e a mais velha, lamentando não ter consigo o livrinho de notas para apontar o disparate, corrigiu:

– Na *poça*, André! Na *poça*!... Acho que acabaste foi de meter os pés pelas mãos! Ah, ah, ah!

André, corando que nem um tomate, fingiu não se aperceber das críticas e prosseguiu:

– Então e quem foi o responsável pela calinada?

– O estudioso holandês Erasmus de Roterdão – respondeu Ana, limpando as lágrimas de tanto rir. – Quando traduziu o mito de Pandora do grego para o latim, no século XVI, alterou-lhe o sentido, pois traduziu *pithos*, que significa *vaso* em grego, por *pyxis*, ou seja, *caixa* em latim.



Abismado, André observou a prima pelo canto do olho. Bem conhecia a paixão de Ana por bibliotecas e por tudo o que estivesse relacionado com as grandes civilizações, mas ainda assim nunca deixava de se surpreender com a quantidade de coisas interessantes que a rapariga sabia.

Ana pressentiu o olhar curioso do primo e, disfarçando uma pontinha de vaidade, encolheu os ombros e piscou-lhe o olho.

Os últimos curiosos começavam agora a dispersar, e até os embaixadores Torres e os seus amigos se tinham afastado minutos antes, convictos de que tudo não passava de uma brincadeira, ou de algum golpe publicitário de mais uma agência desesperada por obter a atenção do público. Decerto com o intuito de aproveitar a projeção internacional de uma festa de diplomatas oriundos de variados destinos, além do mais no Pártenon da Acrópole de Atenas, um dos cenários mais sugestivos do planeta e no qual era raríssimo organizarem-se eventos semelhantes.

Os primos, porém, convencidos de que o motivo da estranha ocorrência era a pista inicial para um novo e misterioso caso a resolver, tinham-se mantido resolutos na fila da frente, recusando-se a arredar pé enquanto não obtivessem mais informações sobre o que acabara de suceder.

Apercebendo-se do interesse excessivo dos jovens, o segurança arremessou-lhes um olhar carrancudo.

– *Parakalo min plisiazete!*¹ – advertiu, inicialmente em grego, erguendo a mão direita e fazendo ver às duas irmãs que melhor seria recuarem de novo. Em seguida, e de forma a não deixar margem para dúvidas, decidiu concluir o aviso em inglês: – *No one can enter this area until the Police arrive!*

Com grandes floreados e dois simpáticos sorrisos, as jovens acederam à imposição, embora, na realidade, não retrocedessem mais do que meio metro.

– Bem, se a Polícia já aí vem, o melhor é esperarmos por ela – disse Maria, cada vez mais curiosa.

– O que pensam que tudo isto significa? – perguntou André, olhando à sua volta com ar desconfiado, na esperança de avistar algo ou alguém suspeito.

¹ «Não se aproximem!» (N. da A.)

– Não sei, mas não há dúvida de que se trata de algo muito estranho! – comentou Ana, enrolando um dos seus caracóis castanho-claros nos dedos. – Que pena o Miguel não ter vindo a Atenas com os pais... Dava-nos imenso jeito neste momento!

Ao ouvir as palavras da irmã, Maria sentiu um peso no estômago e deixou entrever um brilho triste no olhar.

– Tu é que tens sorte... – balbuciou, fixando a luz que iluminava as duas colunas isoladas do Templo de Zeus Olímpico, à distância, a este.

– Também não tenho assim tanta sorte – protestou Ana, imaginando a razão dos queixumes da irmã. – Só vou ver o Javier² daqui a uns dias, quando o veleiro do pai dele chegar ao Pireu, o porto de Atenas.

– Seja como for, tens muito mais sorte do que eu – insistiu a irmã, com um tom de voz suficientemente desconsolado para concluir o debate.

Com efeito, Maria sentia-se triste há já alguns dias, mais precisamente depois de ter descoberto que, apesar de o embaixador brasileiro Amorim, colega do seu pai, ter sido convidado a comparecer com a família na Festa dos Deuses Gregos, em Atenas, durante as férias da Páscoa, o seu filho Miguel declinara estranhamente o convite.

Inicialmente entusiasmada com a possibilidade de voltar a ver Miguel após a resolução do último caso, em Lisboa³, Maria tinha falado com ele assim que soubera da festa, mas o brasileiro justificara a sua ausência com motivos relacionados com os estudos.

Fazendo-se forte, Maria fingira não se preocupar muito, e assegurara a Miguel que compreendia perfeitamente as razões apontadas por ele. Mas a verdade é que os subterfúgios do

² Javier é um rapaz espanhol que Ana conheceu em Valência (ver *O Tesouro do Veleiro Espanhol*) e por quem se apaixonou mais tarde (ver *O Diamante da Ilha das Caraíbas*). (N. da A.)

³ Ver *A Mensagem Secreta de Lisboa*. (N. da A.)

rapaz nos últimos dias para evitar os contactos entre ambos a tinham surpreendido bastante. Ora não podia falar porque não tinha rede, ora porque tinha esgotado o crédito disponível no telemóvel, sem mencionar os constantes problemas de ligação à Internet que o impossibilitavam de responder às mensagens de Maria. Enfim, uma miríade de justificações que pareciam ter sido arquitetadas ao pormenor de forma a impedir que falassem diretamente um com o outro.

Teria o primo tido razão ao avisá-la de que Miguel era um rapaz perigoso, habituado a ter todas as raparigas que desejava, e que o melhor seria manter-se à distância?

«Que aborrecido!», pensou com os seus botões, colocando o lábio inferior inadvertidamente sobre o superior. «Será que me enganei? Mas ele parecia tão sincero!... Pois se eu vim de propósito de Londres com os meus pais para a festa, ele não podia também vir de Lisboa com os dele? As relações à distância nunca funcionam muito bem... Quantas outras oportunidades havemos de ter para nos vermos?», perguntou, pela última vez, a si própria.

Desistindo de procurar uma resposta mais adequada, acabou por concluir que, apesar da ligação aparentemente profunda que os unira em Lisboa e crescera nos últimos meses, ainda que à distância, o rapaz já não estava interessado nela.

– Que beicinho é este? – perguntou um jovem alto e muito atraente, de cabelos curtos, bem penteados, vestido de forma elegante e de voz particularmente meiga, aproximando-se e tocando nos lábios de Maria.

– Thanassis! – exclamou a jovem, surpreendida, corando.
– Já pensávamos que não vinhas!

Maria e Ana tinham conhecido o grego no dia anterior, no avião que as levava de Londres a Atenas, e depressa se tornaram amigos, sobretudo ao saberem que os pais de Thanassis, tal como os de Miguel, eram colegas do embaixador Torres, e que também eles estariam presentes na muito esperada Festa dos Deuses Gregos.

– E eu alguma vez ia faltar a uma festa destas? – perguntou ele, sorridente, sem tirar os olhos dela. – Prometi-te que vinha, não prometi?

As faces de Maria tornaram-se então rubras e a jovem viu-se obrigada a desviar o olhar, sem saber o que responder.

Admirado com aquela evidente intimidade, André, que nunca vira Thanassis e a quem Ana e Maria nada tinham contado sobre o rapaz, sentiu-se inesperadamente inclinado a proteger a prima. Sabia que ela andava um pouco triste por Miguel não a contactar há uns dias, e a última coisa que desejava era ver aparecer outro *Dom Juan* na sua vida para a magoar. Ele bem a avisara, mas Maria era teimosa e agora a situação tornara-se um pouco estranha. Miguel era seu amigo, mas não lhe dissera nada sobre o que se estava a passar, impossibilitando André de responder às perguntas insistentes da prima.

Aproximando-se com o ar defensor de um irmão mais velho, o jovem estendeu a mão ao grego e disse, muito sério:

– Parece que ainda não nos conhecemos. Olá, sou o André. O primo da Ana e da Maria.

– Ah, claro! O famoso escuteiro! – cumprimentou Thanassis, respondendo à apresentação com um aperto de mão caloroso e determinado.

O gesto fez com que André se sentisse logo mais à vontade. Sempre achara que um aperto de mão revelava muito sobre uma pessoa e o de Thanassis parecera-lhe ser de bom agouro. «Melhor assim», pensou, descontraindo-se e devolvendo-lhe o simpático sorriso.

– Elas falaram-te de mim, foi? – perguntou.

– Sim, mas só coisas boas, garanto-te!

– Imagino! Aliás, sobre mim nunca se poderia dizer nada de mal! – respondeu André, sorridente.

Fitando-o com um olhar crítico, mas divertido, Ana e Maria lembraram-no do último disparate proferido cerca de três minutos antes.

Receando que as primas narrassem o ocorrido ao novo amigo, André engoliu em seco e disfarçou, assobiando a nova canção da jovem grega Demy, que lhe ficara no ouvido nessa tarde.

A diversão pareceu funcionar, pois ouvindo-o Thanassis levantou a mão para um *high five* e sorriu, satisfeito, comentando:

- Miúda gira! Muito gira!
- Supergira! – emendou André.

Maria não se fez rogada e respondeu, enquanto piscava o olho à irmã:

– Giro, giro é o Kostas Martakis que vai aparecer no concerto daqui a pouco, não achas, Ana? Uhhh... Tem uns olhos azuis lindos!

Apanhado de surpresa, Thanassis deixou de sorrir de imediato, e os segundos de desconforto que se seguiram só foram interrompidos quando o jovem olhou à sua volta pela primeira vez desde que entrara no recinto do Pártenon e perguntou:

– Então? Já sabem onde estamos sentados? Parece que está tudo tão atrasado... E eu a pensar que tinha chegado tarde. Até receava que já não me deixassem entrar!

– Bem... – disse Maria, com ar misterioso. – De certa forma até chegaste bastante atrasado.

Com uma expressão intrigada, Thanassis aproximou-se de novo da rapariga e comentou:

– Atrasado? Mas se ainda nem sequer prepararam o espaço para o concerto! Olha para estas cadeiras, por exemplo. O que estão a fazer aqui no meio?

Os olhares misteriosos que os três primos trocaram nesse instante causaram-lhe uma certa confusão e o grego só então reparou que as ditas cadeiras se encontravam dispostas em círculo, no meio do Pártenon e longe das filas que os organizadores tinham colocado na zona este do mesmo, para os convidados assistirem ao muito esperado concerto.

Quando por fim se apercebeu da presença de um estranho objeto posicionado exatamente no centro das cadeiras, Thanassis semicerrou os olhos, cada vez mais perplexo, e decidiu-se a perguntar:

– E *aquilo*... O que é?

– Era àquilo que eu me estava a referir quando disse que tinhas chegado atrasado... – começou por explicar Maria, sorridente. – O concerto até pode ser fantástico, os músicos excelentes e Kostas Martakis lindo como um deus grego, mas acredita que lhes vai ser impossível conseguirem bater o espetáculo a que assistimos há pouco!

Thanassis começou a sentir-se em pulgas para saber o que se tinha passado, arrependendo-se de ter declinado a oferta dos pais de o levarem à festa com eles mais cedo e não *fashionably late*, ou seja, com meia hora de atraso relativamente ao que o convite estabelecia. Tomara a decisão pensando que assim poderia criar maior expectativa em Maria, a linda morena de longos cabelos castanho-escuros e de muito bom gosto que conhecera no avião, no dia anterior. Parecera-lhe incrivelmente simpática e divertida e tinha os olhos mais meigos que vira até ali. Mas agora, perante a indicação de que talvez tivesse, de facto, perdido algo muito interessante, a ideia de ter chegado atrasado de propósito começava a parecer-lhe um pouco ridícula.

Olhou mais uma vez à sua volta, tentando perscrutar se os restantes convidados mostravam sinais de perplexidade semelhantes aos seus, mas a maior parte deles tinha já dispersado, afastando-se do Pártenon e aproveitando o evidente atraso do concerto para contemplar a excelente vista de Atenas que se obtinha da posição privilegiada da Acrópole, uma das colinas rochosas da cidade.

Insatisfeito, olhou então para Ana, depois para André e finalmente de novo para Maria, na esperança de obter os pormenores que tanto desejava, mas nenhum deles se mostrava disposto a abrir a boca.

– Então? Vão obrigar-me a implorar para saber o que se passou? – perguntou, fitando a rapariga com um sorriso astuto.

Maria sorriu e mordeu o lábio, provocadora. O gesto mostrou aos outros que seria ela quem se encarregaria de relatar a Thanassis os recentes e tão misteriosos acontecimentos e que a oportunidade de o fazer acabara de chegar.

– Muito bem, eu conto-te tudo... – anunciou ela. – Estás pronto?

– Não podia estar mais pronto! – garantiu ele, cada vez mais curioso.

– Ok, o que se passou foi o seguinte: quando já quase todos os convidados tinham ocupado os seus lugares e os músicos se preparavam para entrar, exceto tu, claro, que nessa altura ainda estavas a planear a tua entrada de prima-dona... – interrompeu-se ela, rindo e fazendo-o sentir-se vagamente idiota por ver a sua estratégia desmascarada sem pudor. – Imagina que começámos a ouvir um barulho muito forte...

– Um barulho? – inquiriu Thanassis.

– Sim, um barulho! Mas era tão forte que a princípio nem sequer conseguimos distinguir de onde vinha... Primeiro ficámos com a impressão que nos chegava da cidade, mas depois, de repente, percebemos que afinal vinha do céu!

– Do céu?! Mas que barulho era esse? De algum avião?

– Não! Não era de nenhum avião, era de um helicóptero!... – explicou a rapariga, com um tom cada vez mais enigmático. – Assim que se aproximou o suficiente conseguimos ver muito bem as luzes e nessa altura o barulho tornou-se ensurdecedor.

– Um helicóptero?! – perguntou Thanassis, de sobrolho franzido. – Que estranho... Ia jurar que os helicópteros para turistas só podiam sobrevoar a Acrópole durante o dia...

– E talvez tenhas razão – prosseguiu ela. – Este só aqui passou de fugida, e a intenção de quem o pilotava não era mostrar a Acrópole aos turistas...

– Não?... – inquiriu o rapaz, apercebendo-se da interrupção propositada de Maria, certamente à espera de uma pergunta sua. – Não me digas que fizeram o Kostas Martakis descer do helicóptero agarrado a um cabo, ou coisa do género?!

– Não, nada disso! – assegurou ela, apontando para o centro das cinco cadeiras. – O objetivo era outro...

Thanassis fixou o ponto indicado, começando finalmente a contemplá-lo sob uma nova perspetiva.

– Esperem lá! – exclamou, ao fim de poucos instantes. – Não me digam que o helicóptero veio até aqui só para fazer aterrar *aquilo* mesmo no meio do Pártenon?!

Maria encolheu os ombros, risonha, voltando as palmas das mãos para o ar.

– Bem... Se quiseres não dizemos, mas foi isso mesmo que aconteceu!

Os olhares dos quatro jovens concentraram-se de novo no estranho objeto, como se o observassem pela primeira vez. Tratava-se de um característico vaso helénico cor de terra, com representações de mitos gregos pintadas a negro, comum em qualquer mercado ou loja de antiguidades. Embora parecesse um pouco antigo e estivesse fechado com uma tampa, por si só não provocava grande curiosidade. Todavia, o que o tornava surpreendente era o facto de, por um lado, estar amarrado a um pequeno paraquedas que jazia no chão a seu lado e, por outro, ter sido introduzido dentro de uma esfera de plástico com uma segunda câmara de ar interna, graças aos quais fora possível fazê-lo aterrar sem que se partisse.



– Isto não faz sentido nenhum! – desabafou Thanassis.
– Por que razão se teria alguém lembrado de fazer uma coisa tão estranha!?

Os primos encolheram os ombros. Nenhum deles fazia ideia do que estaria por trás de tudo aquilo, mas curiosidade não lhes faltava para começarem a investigar.

– Ao menos podiam ter feito um anúncio com um megafone ou outra coisa qualquer, para explicarem o que raio se estava a passar e que intenções tinham! – lamentou-se Maria. – Mas nada! Nadinha! Deixaram-nos ficar aqui todos a olhar para o ar, a ver o helicóptero baixar cada vez mais, cada vez mais, cada vez mais...

– Até que nos apercebemos de que tinha deixado cair qualquer coisa – ajudou Ana, tentando concluir mais rapidamente a história da irmã. – E de que essa coisa se estava a dirigir para nós, agarrada a um paraquedas minúsculo...

– Nessa altura até começámos a assustar-nos um bocado...
– reconheceu André, que depressa foi interrompido por Maria, desejosa por continuar com a sua narração.

– Pudera! – disse ela, erguendo ambas as mãos. – Ninguém percebia o que se estava a passar! Aquele barulho todo, as luzes vindas do céu... E de repente lançam um objeto não identificado por cima das nossas cabeças, que vem por ali a descer, a descer, a descer!...

– Incrível! – exclamou Thanassis, mais pasmado com a emoção revelada por Maria do que pelos acontecimentos que a jovem relatava.

– Olha que até houve quem gritasse que se tratava de uma bomba! – rematou ela, pungente.

– Causou uma grande confusão, lá isso causou – admitiu Ana. – Houve muita gente que se levantou e se pôs a correr para longe do Pártenon, pela Acrópole abaixo, com puro terror estampado na cara...

– E vocês? Não pensaram também em fugir? – perguntou o grego, compreendendo a reação dos demais convidados.

– Bem, lá pensar, até pensámos – admitiu Maria, falando mais em seu nome do que no dos outros. – Mas a curiosidade foi mais forte e acabámos por ficar para ver de que se tratava.

Thanassis esticou o nariz na direção do vaso, preparando-se para se aproximar, mas o viso carrancudo do guarda logo o demoveu.

– Não sei se já repararam, mas o vaso está tapado! – anunciou o rapaz, como quem acaba de descobrir a pólvora. – O que será que tem lá dentro?

– Isso estamos nós mortinhos por saber! – exclamou André. – Mas enquanto a Polícia não chegar, não há nada a fazer. Está tudo *no segredo dos deuses!*...

Maria riu-se da piada do primo e gabou-lhe a excelente oportunidade ao proferi-la. Dado o local onde se encontravam e o enigma que tinham perante si, não podia ter escolhido melhor altura para a utilizar.

– Estou mortinho por saber o que terão escondido no interior do vaso! – disse Thanassis, apertando o ombro de Maria com meiguice.

– Como é que sabes que há algo escondido no interior? – questionou a jovem.

– Ora, então achas que alguém se ia dar ao trabalho de criar esta cena toda só para fazer aterrar um vaso de barro vazio no meio do Pártenon? – contestou ele, usando um tom demasiado paternalista para o gosto de Maria. – Além disso, se está fechado é porque tem alguma coisa lá dentro! Mas o que será?

– Ouve lá, e se a mensagem que quiseram deixar tiver a ver com o mito grego pintado no *exterior* do vaso? – opinou a rapariga, sem dar o braço a torcer. – Não conseguimos ver muito bem daqui, mas achamos que se trata do mito de Pandora a abrir a caixa, ou melhor o vaso, libertando todos os males do mundo...

Thanassis semicerrou os olhos e fitou o vaso no chão, dentro da esfera de plástico. Observou o mito que Maria referira

com grande atenção, girando a cabeça de um lado para o outro para melhor discernir os pormenores visíveis. A preocupação que de repente se lhe estampou no rosto deu a entender aos primos que o rapaz se lembrara de algo pouco agradável.

– Em que é que estás a pensar? – perguntou-lhe André.

– Estou a pensar que os convidados que fugiram daqui a correr há pouco talvez não estivessem assim tão enganados quanto ao risco que corriam...

– A sério? Achas que pode ser uma bomba?! – alarmou-se André, puxando Ana e Maria para trás de si.

– Se a Maria tiver razão, e a mensagem estiver de alguma forma relacionada com o mito pintado no vaso, é bem provável que no seu interior alguém tenha escondido qualquer coisa má, tal como acontecia na história de Pandora.

– Ora! Não acredito nisso! – exclamou Maria, afastando o braço protetor do primo. – Se o vaso contivesse uma bomba, já teria explodido há imenso tempo. Além disso, quem é que se havia de lembrar de fazer uma bomba aterrar de paraquedas?!

Os argumentos da rapariga pareceram sossegar o primo, mas não demoveram completamente Thanassis.

– Vocês conhecem o mito de Pandora? – perguntou ele, colocando uma certa erudição propositada no tom de voz.

– Sim, era uma deusa grega, não era? – disparou André, sem pensar no que dizia.

As primas fulminaram-no logo com o olhar e Maria apressou-se a corrigir o erro do primo antes que Thanassis o fizesse.

– Claro que não! – exclamou, sorrindo para disfarçar a atrapalhão. – Ainda há bocado estivemos a falar nisso, não te lembras? Pandora não era deusa, era mortal. Aliás foi...

– ...A primeira mulher criada pelos deuses – disse Thanassis, surripiando-lhe o protagonismo. – Zeus, o rei dos deuses gregos, ordenou a Hefesto, o deus do fogo, dos metais e da metalurgia, que a forjasse usando barro, e os outros deuses contri-

buíram com uma série de presentes para a tornarem... *perfeita*. A deusa da sabedoria, Atena, deu-lhe roupas e ensinou-lhe a tecer, Afrodite, a deusa do amor, ofereceu-lhe a beleza, Hermes, o mensageiro dos deuses, atribuiu-lhe a astúcia e o nome *Pandora*, que significa *a que tudo tem* ou *a que tudo dá*.

– Digamos que a Pandora da mitologia grega era como a Eva da Bíblia... – explicou Maria.

– Sim, e tal como Eva, Pandora também foi uma espécie de presente envenenado – continuou Thanassis, com um sorrisinho matreiro, piscando o olho a André, como se tivesse acabado de dizer uma piada que só ele compreenderia. – Ao ordenar a criação de Pandora, a intenção de Zeus era, na verdade, castigar Prometeu e o seu irmão Epimeteu, a quem tinha sido atribuída a tarefa de criar o homem e os animais.

– Castigá-los porquê? – perguntou André, que começava a interessar-se pela história, lembrando-se de algo que ouvira nas aulas, na escola. – Se não me engano tinha qualquer coisa a ver com o fogo, não tinha?

– Sim, tinha – explicou Thanassis, cujos dotes de contador de histórias depressa começaram a produzir efeito em Maria, pois a jovem deixou escapar um sorriso embevecido. – Existem várias versões para o mito de Pandora, mas as coisas passaram-se mais ou menos assim:

«Prometeu e Epimeteu não eram deuses, eram titãs⁴ e, segundo o poeta Hesíodo, possuíam um vaso contendo uma série de qualidades que deveriam atribuir às suas criações. Ora Epimeteu, ao criar os animais, gastou todos os atributos positivos que se encontravam dentro do vaso, como a sagacidade, a força e a coragem, e quando criou o homem já não tinha qualidades para lhe oferecer.

⁴ Os titãs eram divindades muito antigas, descendentes de Uranus, o primeiro deus grego, que personificava o Céu, e de Gaia, a Terra, a sua esposa e mãe. Os titãs combateram contra os deuses do Olimpo, mas perderam e foram dominados por estes. (*N. da A.*)

«Preocupado, pediu então ajuda ao irmão Prometeu, que decidiu subir aos céus e de lá trazer um dos segredos dos deuses, o fogo, o melhor presente que se poderia atribuir ao homem, pois graças a ele este tornou-se superior aos restantes animais, subjugando-os, aquecendo-se, cozinhando e fabricando utensílios importantes para a sua sobrevivência.

«Quem não gostou muito da conversa foi Zeus, que decidiu vingar-se imediatamente, não só dos dois irmãos por terem roubado o fogo, mas também do homem, por ter aceitado um presente que não lhe estava destinado. E já estão a imaginar a vingança, não estão?»

– O tal presente envenenado... – adivinhou André.

– Pois claro! – riu Thanassis. – Zeus decidiu enviar Pandora à Terra e oferecê-la a Epimeteu que, ao contrário do seu irmão, não era propriamente famoso pela sua inteligência. Ao vê-la, Epimeteu esqueceu-se de que Prometeu o avisara para não aceitar nada do matreiro Zeus e, recebendo o presente do rei dos deuses, casou-se com Pandora.

– Asneira! – riu André, divertido. – Epimeteu devia ter-se limitado a olhar, em vez de tocar.

– Podes crer. Até porque o castigo planeado por Zeus não se fez esperar. Lembra-se do tal vaso de onde Epimeteu retirara os atributos que conferiu aos animais? Pois ele ainda o tinha em sua casa, e como as qualidades restantes eram apenas negativas, Epimeteu disse a Pandora para não abrir o vaso, acontecesse o que acontecesse.

– Mas Pandora afinal não era assim tão perfeita – comentou André. – A curiosidade é uma coisa tremenda...

– Pois, e Pandora não conseguiu resistir-lhe... – admitiu Maria, imaginando-se por segundos no lugar da personagem do mito grego.

– As mulheres são muito intrometidas... – disse Thanassis, apertando-lhe a cintura com um gesto terno.

– Ora! – respingou a rapariga, cruzando os braços e adotando uma postura defensiva. – Até parece que vocês não fariam o mesmo! Então os deuses fartam-se de lhe dar prendas, depois mandam-na para a Terra, casam-na com um titã que lhe põe uma caixa, ou melhor um vaso, à frente do nariz e lhe diz para não o abrir. Afinal o que é que queriam? Foi o mesmo que terem-lhe dito «Vá, toma! Abre lá isso depressa! De que é que estás à espera?»

Os outros desataram a rir com os argumentos de Maria e a irmã e o primo acabaram por concordar que seria difícil resistir à tentação.

– Afinal de contas, é isso mesmo que nós estamos a fazer neste momento, não é? – continuou ela, determinada. – Se aquele guarda não estivesse de olho em nós, não me digam que também não pensavam em destapar o vaso?

– Claro que não! – exclamou Thanassis, admirado com a atitude dos outros. – Pode ser muito perigoso!

– Oh, deixa-te de cenas! – protestou Maria. – Não há nenhuma bomba ali dentro!

– Não estás a ver?! Foi isso mesmo que aconteceu à Pandora! – protestou o grego, com veemência. – Bem a avisaram para não abrir o vaso, porque lá dentro não havia nada de bom. Mas a rapariga decidiu que não, que tinha de ver com os próprios olhos e descobrir de que se tratava exatamente. E assim, um dia, apanhou-se sozinha em casa e zás!, abriu a tampa do vaso!

Os primos fitaram-no, admirados com a exaltação do rapaz. Maria até franziu a testa, pensando se não seria o caso de mudarem de assunto, mas Thanassis ainda não acabara de expor a sua opinião.

– E, claro, depois de todos os males terem saído do vaso e se terem espalhado pela Terra, já era tarde demais para voltar atrás! Além das dores físicas, saíram a inveja, a vingança e muitas outras coisas más.

– Ora, mas ela não o fez por mal! – defendeu Maria. – Foi só curiosidade!

– Seja como for, é por isso que hoje a expressão *abrir a caixa de Pandora* se usa para dizer que o melhor é não metermos o nariz onde não somos chamados, pois podemos provocar um mal que não seremos capazes de remediar – disse Thanassis, muito sério.

– Já te disse que não há bomba nenhuma dentro daquele vaso! – insistiu Maria, apercebendo-se da metáfora.

– E se houver?... – repôs ele, olhando-a com ternura. – E se te acontecesse alguma coisa?...

A interrogação suspensa do rapaz e a forma meiga como ele olhou para Maria naquele momento fizeram-na pensar, admirada: «Que querido! Ainda agora me conheceu e já se preocupa tanto comigo...»

– Depois de ver a asneira que fizera, Pandora bem tentou voltar a colocar a tampa no vaso, mas a única coisa que conseguiu foi impedir que a esperança, o último elemento contido no mesmo, escapasse – explicou Thanassis, concluindo a história.

– Pois... – disse Ana, que até ali tinha estado muito silenciosa. – Essa é a única parte do mito que eu não percebi muito bem... O que significa?

– O que significa o quê? – perguntou Thanassis, que entretanto perdera o fio à meada, tão distraído ficara com a reação de Maria ao comentário que ele precipitadamente deixara escapar.

– Essa história de a esperança ter ficado dentro do vaso – perguntou Ana – é afinal uma coisa boa, ou uma coisa má?

Thanassis encrespou a testa, confuso.

– Boa, claro! – retorquiu. – Boa, porque significa que o homem pode sofrer de todos os males, mas a esperança é sempre a última coisa a morrer.

– Mas isso não faz muito sentido... – insistiu Ana.

– Não? – perguntou Thanassis, cada vez mais confuso.

– Não, porque se a esperança nunca chegou a sair do vaso, como aconteceu com todos os males, o homem não a devia possuir!

O grego deixou-se ficar calado, de frente encrespada, pensativo. Realmente não sabia como responder àquela pergunta, nem sequer tinha alguma vez pensado nas coisas sob aquela perspetiva.

– E além disso – prosseguiu Ana – o que é que a esperança estava a fazer dentro de um vaso onde só havia coisas más? Então a esperança não é uma coisa boa?

– Boa pergunta... – limitou-se a responder Thanassis, cada vez mais embasbacado.

– Talvez a esperança tivesse sobrado dos tais atributos positivos que o Epimeteu esgotou quando criou os animais – sugeriu André.

Os quatro jovens permaneceram em silêncio por alguns instantes, debatendo-se individualmente com a difícil questão filosófica, até que Thanassis decidiu interrompê-los:

– Seja como for, o facto é que enquanto a Polícia não chegar fica tudo *no segredo dos deuses*, como disse o André.

– Se o fogo também tivesse ficado *no segredo dos deuses* – respingou Maria, mordaz – hoje, se calhar, não estávamos aqui.

– Por falar em Polícia – comentou Ana. – Ali vem ela.

– Finalmente! – exclamou André. – Já estava a ficar em pulgas!

Os jovens viram então um grupo de três polícias aproximar-se com largas passadas e ar muito circunspecto, empunhando lanternas de pouca utilidade, dada a luz projetada pelos holofotes que iluminavam toda a área.

Enquanto caminhavam, os homens trocavam comentários uns com os outros, tapando a boca, como se estivessem envolvidos num caso de espionagem internacional do mais alto nível, e olhavam em seu redor de sobrolho franzido, observando prudentemente as expressões de cada convidado ainda presente, na esperança de reconhecerem alguém suspeito.

Ao chegarem perto do estranho objeto, os polícias afastaram as cadeiras que lhe tinham servido de proteção até àquele momento e trocaram meia dúzia de palavras com o guarda.

O homem tinha-se portado com grande profissionalismo, mas a verdade é que estava ansioso por passar o testemunho a quem de direito e acabar o turno mais cedo para poder ainda participar no jogo de *poker* que todas as sextas-feiras lhe permitia juntar-se aos amigos. Na semana anterior tinha perdido trinta euros e não conseguira dormir muito bem desde então, a pensar se a sorte o favoreceria a recuperá-los na sessão seguinte. Todavia, para ajudar à sua infelicidade, e porque um mal nunca vem só, no sorteio dos turnos de serviço tinha-lhe saído o da Festa dos Deuses Gregos, no Pártenon, o que significava que para obter a tão desejada desforra teria de esperar até à sexta-feira seguinte.

Ao ver o helicóptero aproximar-se com o estranho paraquedas que dele se desprendeu e aterrou mesmo à sua frente, o pobre homem começou a ver o caso mal parado, imaginando-se já a viver uma semana terrível, atolado na infinidade de relatórios e burocracias que se veria obrigado a completar e com o seu *poker* semanal mais uma vez em risco. Porém, em súbita iluminação lembrou-se de chamar imediatamente as autoridades, e estas, depois de lhe indicarem as precauções a tomar, fizeram questão de o elucidar que o caso lhes pertencia por completo e que a sua competência cessaria no momento em que os visse pôr os pés no antigo templo.

Sentindo-se feliz que nem um passarinho e esforçando-se por esconder o sorriso de orelha a orelha que se lhe rasgara ao ver chegar os três dignitários, o homem apertou a mão do polícia que lhe parecera mais sénior e a quem explicara brevemente o que se passara, e afastou-se rapidamente, desaparecendo de vista antes que um deles mudasse de ideias e lhe atribuísse alguma tarefa antipática.

Os primos e Thanassis, em vez de se afastarem para darem espaço de manobra à Polícia, como fizera o guarda, decidiram permanecer onde estavam, usando a destreza necessária para darem pouco nas vistas, mas sem perderem pitada dos movimentos dos três homens.

– Que raio de embrulhada vem a ser esta? – perguntou o polícia mais novo, com ar confuso, pegando na esfera de plástico que continha o vaso.

– Tenha cuidado com isso, Dimitris! – exclamou o mais velho, o chefe Stavros. – O Vasilis já verificou que não se trata de nenhuma bomba?

– Já, chefe! – respondeu o terceiro, que observava a cena de pé, de braços cruzados. – Isto deve ser uma brincadeira de mau gosto, é o que é. Ninguém usa um paraquedas para deixar cair uma bomba em lado nenhum...

Thanassis, que entretanto ia traduzindo a conversa aos três primos, gaguejou duas ou três vezes na última frase, enquanto se esforçava por evitar o olhar triunfante de Maria, pois, mesmo sem perceber o grego, a jovem já tinha compreendido o que o polícia tinha dito.

– Senhor Vasilis, isso não são considerações para o seu nível! – respingou o chefe, enquanto retirava o objeto das mãos do mais novo. – Caramba! É mais pesado do que eu imaginava!

A informação satisfez Thanassis, que logo deu uma cotovelada a Maria e lhe sussurrou ao ouvido:

– Vês? Eu não te disse? Para ser tão pesado, se calhar é mesmo uma bomba!

Maria limitou-se a responder-lhe com uma careta, cruzando os braços.

Naquele preciso momento, o polícia mais velho deu ordem para que se destapasse o vaso e para que dele se extraísse com grande prudência o conteúdo.

Vasilis obedeceu e, depois de colocar as luvas pretas que trazia na algibeira, enfiou a mão dentro da abertura do vaso, dele retirando um pequeno objeto.

Os primos suspiraram de antecipação e quando o homem ergueu finalmente o artefacto no ar para que o chefe o pudesse ver, Thanassis exclamou, aliviado:

– Afinal não era uma bomba, Maria! Tinhas razão, já viste? – e, satisfeito, não resistiu a abraçá-la e a pespegar-lhe um beijinho na cara.

– É incrível!... – balbuciou Ana, estupefacta.

– Podes crer! – comentou André, igualmente espantado.

A única que ainda não dissera nada e permanecera estranhamente silenciosa fora Maria que, em vez de observar o que se passava à sua frente, tinha fixado os olhos num ponto longínquo, à entrada do Pártenon, mostrando uma expressão de grande assombro.

Admirado com a sua reação, o primo seguiu-lhe o olhar e só então percebeu a razão do seu espanto.

– O Miguel?... Aqui?! – murmurou, vendo o brasileiro parado ao longe. – Disto é que eu não estava mesmo à espera!

– Pois... Eu... também não... – balbuciou Maria, atrapalhada, tentando retirar com gentileza o braço que Thanassis esquecera apoiado no seu ombro e sem saber se sorrir ou acenar para Miguel, que a fitava de rosto muito sério.